



## MEMÓRIAS DO GOIO-ÊN: ENTRE A FÚRIA NATURAL DAS ÁGUAS E A INUNDAÇÃO PROVOCADA

*Ana Luísa Muncinelli Brunetto<sup>1</sup>*

*Fábia Reginato<sup>2</sup>*

*Nayara Martins da Silva<sup>3</sup>*

### Referência:

O GOIO-ÊN TRANSBORDOU. Direção: Cassemiro Vitorino e Ilka Goldschmidt. Roteiro: Cassemiro Vitorino e Ilka Goldschmidt. Produção: Ilka Goldschmidt. Chapecó: Margot Filmes, 2014. 1 vídeo (26 min). Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=hw\\_sl9ngGRM](https://www.youtube.com/watch?v=hw_sl9ngGRM). Acesso em: 6 maio 2026.



“Goio-Ên, tua história não vai se apagar, mesmo que as águas tentem te levar...”. O trecho da canção de Márcio Pazin e Capello Ca, apresentada no

<sup>1</sup> Acadêmica de Medicina - UFFS - Campus Chapecó - [almbrunetto@gmail.com](mailto:almbrunetto@gmail.com)

<sup>2</sup> Acadêmica de Medicina - UFFS - Campus Chapecó - [fabiareginato27@gmail.com](mailto:fabiareginato27@gmail.com)

<sup>3</sup> Acadêmica de Medicina - UFFS - Campus Chapecó - [estudosmed684@gmail.com](mailto:estudosmed684@gmail.com)



documentário “O Goio-Ên Transbordou”, introduz, de maneira emocionante, a principal temática do filme: a preservação da memória de uma comunidade afetada pelas transformações provocadas pelas enchentes e pela construção da Usina Hidrelétrica Foz do Chapecó. A música reforça o sentimento de pertencimento e de saudade vivido pelos moradores do Goio-Ên, região localizada às margens do Rio Uruguai, no município de Chapecó. Nesse contexto, o documentário apresenta uma reflexão importante sobre as mudanças sociais, culturais e ambientais que ocorreram na comunidade, levantando discussões sobre memória, pertencimento e os efeitos do progresso nas populações locais.

Lançado em 2014, o documentário foi dirigido por Cassemiro Vitorino e Ilka Goldschmidt, dois profissionais que trabalham para valorizar a cultura regional e preservar a memória histórica do Oeste catarinense. Ambos têm uma forte ligação com a região de Chapecó e desenvolvem produções audiovisuais que buscam registrar histórias locais, identidades comunitárias e patrimônios culturais frequentemente esquecidos pela história oficial. Além de dirigir, os dois também participaram da elaboração do roteiro e da montagem do filme, mostrando que estão diretamente envolvidos na pesquisa e na construção da narrativa da obra.

A jornalista e documentarista Ilka Goldschmidt tem uma trajetória ligada à comunicação e cultura e também atua em projetos culturais e jornalísticos relacionados à memória regional e às expressões artísticas do Oeste de Santa Catarina. Desse modo, sua experiência acadêmica e profissional ajuda a tornar o documentário mais humano e investigativo. Por outro lado, Cassemiro Vitorino, também graduado em jornalismo, é conhecido por seu trabalho no cinema documental independente e por participar de produções culturais que abordam questões sociais, históricas e identitárias da região Sul do Brasil, além de ser sócio proprietário da produtora Margot Filmes.

A dupla de diretores também trabalhou em conjunto em outras produções que valorizam a cultura regional e as questões sociais do Sul do Brasil, como *Celibato no Campo* (2010) e *Kiki – o ritual da resistência Kaingang* (2014) e *Grossental* (2023), mostrando comprometimento com a valorização da memória, da identidade cultural e das populações tradicionais. Ademais, é importante mencionar que a obra apresentada nesta resenha foi reconhecida com o Prêmio Elisabete Anderle de Incentivo à Cultura, concedido pela



Fundação Catarinense de Cultura na categoria Patrimônio Imaterial, destacando sua importância histórica e cultural para o estado de Santa Catarina.

Quanto à metodologia, a narrativa é construída a partir de uma abordagem qualitativa e investigativa, baseada principalmente em relatos orais de antigos moradores, registros históricos, fotografias e imagens audiovisuais da comunidade. Isso ajuda a aproximar o espectador da realidade retratada e a entender os impactos humanos causados pelas mudanças ambientais e estruturais ocorridas no local. A narração também subverte a lógica tradicional de passagem do tempo, alternando entre o tempo passado e o tempo presente, por meio de flashbacks que integram as memórias dos moradores à história da região.

O documentário “O Goio ên transbordou” não segue, portanto, uma ordem cronológica, intercalando passado e presente, mas, ao retornar a tempos mais antigos, de forma cinematográfica, guiado pelos testemunhos daqueles que viveram ou ainda vivem às margens do Rio Uruguai na região do Goio-Ên, o documentário, naturalmente, não deixa de situar claramente os principais eventos que marcaram a memória dos moradores, trazendo a rotina da época anterior à primeira grande enchente, de 1965, depois revelando os desafios atrelados à construção da primeira ponte e, por fim, apresentando a vida hodierna da população pautada pelos novos desafios que apareceram com a construção da Usina Foz do Iguaçu.

Nessa perspectiva, nos primeiros minutos, antigos moradores que deixaram a região, devido a inundações, são convidados a relembrar do passado ao visitarem a região do Goio-Ên, e, com isso, muitos testemunhos e histórias já vividas são representadas. Nesse sentido, o Rio Uruguai é uma referência determinante na construção da identidade desses antigos moradores, ao passo que suas histórias são construídas às margens do corpo d'água. Assim, muitas histórias de amor e de vida cotidiana são narradas com emoção. Dona Dileta, antiga moradora do Goio-Ên, relembra como conheceu seu marido, balseiro que trabalhava no transporte fluvial. O encontro se deu nos momentos de troca de olhares e acenos durante o trabalho pesado na balsa, e também nos instantes de descanso ou lazer, marcados pelas noites de baile organizadas pela comunidade, onde o ritmo da música aproximava os jovens e fortalecia os laços afetivos. Nesse contexto, muitos balseiros, que trabalhavam principalmente no transporte da madeira, repousavam à noite



nos três hotéis que a região comportava - hoje, alagados pela enchente da usina - além de permanecer alojados no local quando transpor o rio não era possível, o que movimentava o comércio e a vida pacata da região, oportunizando mais histórias de amor parecidas com a de Dona Dileta.

Para além do aspecto cotidiano da vida dos antigos moradores, o rio era também o meio de sustento da maioria das famílias. Isso posto, muitos homens trabalhavam como balseiros ou caminhoneiros no transporte de madeira, ou na extração e comércio da areia retirada das margens do rio. Sendo assim, na época de pouco fluxo de água, a balsa não conseguia ser transportada e, assim, muitos ficavam sem seu sustento. Atrelado indiretamente às atividades do rio, o comércio local era impactado fortemente pelo fluxo de pessoas e pelos bailes noturnos fortemente movimentados, sendo o gaiteiro (sanfoneiro) sempre requisitado. A radiofusão desempenhava um papel central na vida da comunidade, pois era por meio das ondas do rádio que circulavam as notícias e informações indispensáveis ao cotidiano. Com isso, as condições climáticas, o nível das águas e até mesmo os comunicados de falecimento de moradores locais eram transmitidos pela voz do radialista, o que tornava esse meio a principal forma de fonte informacional da região.

Nos relatos, os moradores narram também o poder destrutivo que a enchente natural de 1965 trouxe, a partir das grandes cicatrizes deixadas na memória dos que perderam suas casas e terrenos. Nesse tempo, a igreja, localizada mais ao alto do relevo da região, salvara todos os desabrigados e, posteriormente ao episódio, a fim de retomar a vida cotidiana, muito trabalho se seguiu para que a construção de toda uma vida fosse restabelecida.

Após a enchente, como proposta de avanço tecnológico, houve a construção da ponte. Entretanto, apesar do avanço, os riscos de sua construção ainda eram grandes. Posto isso, muitos convidados discorrem sobre a quantidade de mortos e feridos na construção dos pilares da gigante construção. Com a ponte, o cenário local também começou a ser afetado, trazendo os recortes do passado para os moldes que o futuro viria a ter.

Por fim, o documentário retorna aos dias atuais ao discutir os impactos provocados na vida dos moradores a partir da perspectiva da construção da usina hidrelétrica Foz do Chapecó, em 2014. Com ela, o cenário local muda radicalmente uma vez que os hotéis da região e a antiga escola que existiam são tomados pela água transbordante. Nesse sentido, não por escolha própria,



mas por uma pressão externa, os moradores têm suas histórias definitivamente mudadas. Assim, o documentário traz uma última fala de um dos moradores que teve que sair de seu lar, marcada pela melancolia de uma construção que obrigou os moradores a modificarem sua história: “Uma construção como essa não tem como a pessoa... dizer assim: vou fazer isso, vou fazer aquilo... você tem que aceitar aquilo que é imposto pra você fazer”.

Portanto, a obra documental “O Goio-En Transbordou” se caracteriza como uma produção de extrema relevância histórica, cultural e social, na medida em que registra a realidade de uma comunidade por meio de memórias sensíveis e profundamente marcadas pelas transformações ocorridas na região, mais especificamente as ambientais. Embora os depoimentos permitam acompanhar as transformações ocorridas ao longo do tempo, a obra não se limita a uma exposição cronológica típica dos acontecimentos. A articulação entre as memórias individuais, imagens da região e relatos sobre as perdas geradas pelos alagamentos produz um movimento constante entre passado e presente, permitindo que a história seja reconstruída mediante múltiplas perspectivas. Essa estrutura de narração auxilia a aproximar o espectador das experiências vividas por essa comunidade e evidencia as diversas dimensões dos impactos ocorridos no território. Nesse sentido, a produção destaca as lembranças afetivas ligadas à região, às perdas materiais e humanas causadas pelos alagamentos e, sobretudo, ao sentimento de pertencimento dos moradores em relação ao território do Goio-Ên, às suas memórias coletivas e aos modos de vida construídos naquele espaço. Além disso, um ponto que chama atenção e enriquece o valor da obra é a liberdade de narração que o diretor forneceu às pessoas presentes no documentário. Desse modo, permitir que os entrevistados relatem suas vivências usando sua própria linguagem, com marcas de oralidade, expressões típicas da região sul e de maneira espontânea, acaba agregando certa naturalidade à narração da história e preservando a vivência dessa comunidade.

Sob esse viés, a obra cumpre o objetivo de resgatar a história do Porto Goio-Ên e, ao mesmo tempo, apresenta uma crítica contundente a modelos de desenvolvimento pautados exclusivamente por interesses econômicos. Ao evidenciar as consequências da construção da usina hidrelétrica e do consequente alagamento da região, o documentário demonstra como grandes intervenções realizadas em nome do progresso econômico podem resultar no



apagamento de memórias, na descaracterização de identidades e na desestruturação dos modos de vida de uma comunidade inteira. Nesse sentido, o mérito desta produção cinematográfica está, primeiramente, em trazer para a atualidade a discussão de um tema histórico, colocando em foco acontecimentos que talvez não tenham recebido a devida importância na época e, em segundo lugar, na salvaguarda de experiências humanas contadas diretamente por aqueles que viveram a história da região. Dessa forma, o documentário é recomendável para todos que desejam compreender não apenas um episódio marcante da história do Oeste catarinense, mas também os impactos socioambientais de processos que hoje são denominados de “modernização”, mas que, muitas vezes, são exaltados de maneira acrítica. A obra constitui, sem dúvida, um verdadeiro balde de água fria para quem acredita que tudo se resumiu unicamente à fúria natural das águas.